



## Pequenas e grandes catástrofes de cada dia: *Diários públicos*, de Leila Danziger

Small and Large Disasters of Every Day: *Diários públicos*, of Leila Danziger

Késia Oliveira\*

**Resumo:** *Diários públicos*, da artista visual e escritora Leila Danziger, 2001, é uma obra construída a partir de uma coleção de jornais impressos composta por séries de trabalhos (“Para Irineu Funes”, “Resistir-por-ninguém-e-por-nada”, “Para-ninguém-e-nada-estar”, “O que desaparece, o que resiste”, dentre outras). Nelas a artista se apropria de trechos literários, como versos de Paul Celan, Carlos Drummond de Andrade, Ana Cristina César e Cecília Meireles, por exemplo, reinscrevendo-os sobre páginas de notícias que foram raspadas.

**Palavras-chave:** Leila Danzinger. Arte contemporânea. Catástrofe.

**Abstract:** *Diários públicos*, 2001, by Leila Danziger, is a work built from a collection of printed newspapers composed by series of works (“Para Irineu Funes”, “Resistir-por-ninguém-e-por-nada”, “Para-ninguém-e-nada-estar”, “O que desaparece, o que resiste”, among others). In these works, the artist seizes literary excerpt ones, like verses of Paul Celan, Carlos Drummond de Andrade, Ana Cristina Caesar and Cecília Meireles, for example, rewriting them on pages of news that were scraped.

**Keywords:** Leila Danzinger. Contemporary Art. Catastrophe.

No conto “O fazedor,”<sup>1</sup> de Jorge Luis Borges, o narrador se apresenta como alguém que havia escutado histórias, sem se indagar se estas seriam verdadeiras ou falsas, e com um punhal de bronze, “cortando da memória fatos e textos”, extrai lembranças e leva às últimas consequências a prática da citação, extirpando de seus livros todas as partes de que não gosta como lembra Antoine Compagnon em *O trabalho da citação*.<sup>2</sup>

A tarefa de cortar um fragmento e inseri-lo em outro contexto se aproxima do que faz a artista plástica e escritora judia Leila Danziger em *Diários públicos*,<sup>3</sup> de 2001. Esse trabalho se configura como uma coleção de jornais dividida em extensas séries como “Para Irineu Funes”, “Resistir-por-ninguém-e-por-nada”, “Para-ninguém-e-nada-estar” e “O que desaparece, o que resiste”. Nessa obra, a artista se apropria de trechos literários, como versos de Paul Celan, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles, reinscrevendo-os sobre páginas que foram anteriormente raspadas.



Os jornais selecionados têm parte das informações das páginas apagadas, sendo submetidos a um processo que a artista chama de “depilação”: eles são descascados, expostos ao sol, dobrados e carimbados. Para apagar as páginas, Danziger retira, com uma fita adesiva, a primeira camada de tinta, deixando apenas vestígios da impressão e, sobre essa página, inscreve um fragmento literário – como o verso “Não volto às letras, que doem como uma catástrofe”, de Ana Cristina César –, uma palavra ou uma expressão – como os verbos “lembrar” e “esquecer” – que são, ali, carimbados.

Nesse trabalho, parece se evidenciar um resgate de memória no processo de fazer desaparecer quase totalmente a linguagem jornalística e deixar latentes imagens contemporâneas de tragédias e de abandono. Na série “Para-ninguém-e-nada-estar”, por exemplo, a poética de Danziger dá-se a partir do poema “Stehen”, [De pé] de Paul Celan:

Resistir, à sombra  
da ferida aberta  
Resistir-por-ninguém-e-por-nada.  
Irreconhecido,  
para ti  
somente  
Com tudo o que aí tem lugar,  
Mesmo sem linguagem.<sup>4</sup>

O verso do poema é deslocado do contexto da Shoah e “enxertado”, no contexto brasileiro, em imagens que parecem remeter à morte, ainda que metaforicamente, como fotografias de jovens mascarados (Figura 2). A relação metafórica pode ser vislumbrada levando-se em conta o sofrimento que as imagens sugerem:



Figura 1: Série “Para-ninguém-e-nada-estar”, 2002. Carimbo e impressão solar sobre jornal apagado. Disponível em: <<http://www.leiladanziger.com/works.html>>.



Figura 2. Série “Para-ninguém-e-nada-estar”, 2002. Carimbo sobre jornais apagados e encadernação. Disponível em: <<http://www.leiladanziger.com/works.html>>.

A propaganda desfocada, extraída levemente pela fita adesiva, e a evidência, na fotografia, de uma possível exploração do trabalho infantil apontam para uma poética que denuncia tanto a perda, ou a morte, de uma infância quanto de uma violência anônima. Se se considerar que o excesso de notícias, “nos submerge sob uma torrente de imagens [...] tornando-nos insensíveis à realidade banalizada dos horrores”,<sup>5</sup> Danziger tiraria o leitor de uma condição de anestesia, promovendo, de certa forma, um retorno à sensibilização.

As séries originadas do verso “Resistir-por-ninguém-e-por-nada” e “Para-ninguém-e-nada-estar”,<sup>6</sup> trazem sempre esses fragmentos carimbado ao lado de imagens que, possivelmente, sem a intervenção de Danziger, seriam esquecidas para sempre devido ao envelhecimento acelerado da informação. Ao explicar a presença de Celan em sua obra, a artista afirma que “a vocação de sua poesia é atualizar-se continuamente, deslocar-se do contexto original da memória dos



crimes nazistas e informar nossas pequenas e grandes catástrofes de cada dia (o estado de exceção, o abandono, a vida nua)".<sup>7</sup>

Raspar, cortar, carimbar fazem parte da criação de *Diários públicos*. A noção de corte é emblemática na obra, pois Danziger efetua tanto o corte do jornal quanto o recorte do texto literário. Esse duplo gesto parece aproximá-la ao "homem da tesoura", proposto por Compagnon, isto é, aquele que corta tudo o que lhe agrada e cola onde lhe convém. Se, para Compagnon, o "gesto arcaico do recortar-colar" pertence tanto ao escritor quanto ao artista, a intervenção artística nos jornais que compõem *Diários públicos* parece trazer em si essa atitude do "cortar-colar" de uma forma consciente, pois a transformação do texto jornalístico em objeto artístico é feita por meio de uma decisão refletida acerca do que deve permanecer e do que deve ser apagado da página.

Para Compagnon, a "leitura repousa em uma operação de depredação e de apropriação de um objeto que o prepara para a lembrança".<sup>8</sup> Esse corte apropriativo de Danziger dá-se tanto no âmbito da leitura quanto no da escrita como inscrição. Se se pensar estritamente que o jornal propicia o esquecimento, visto que as notícias nele contidas têm um caráter efêmero, o trabalho de Danziger atuaria como uma forma de não esquecimento destas pequenas catástrofes vividas no mundo contemporâneo, postas em cena como uma "preparação para a lembrança", como quer Compagnon.

A tentativa de reverter o envelhecimento da informação, colocando em dúvida a perenidade da palavra escrita, ganha um outro significado. Segundo a artista, o vetor de seu trabalho é

a página da imprensa rarefeita, apagada, sabotada em sua função de documento, mas onde o texto jornalístico ainda pulsa na informação residual da imagem selecionada ou pelo avesso do papel. A integridade da página é mantida, e o que permanece é uma pele fina e transparente, uma matéria frágil, fugaz, sensível à luz, desafiadoramente mundana.<sup>9</sup>

Essa sabotagem da função de documento do jornal pode ser vista como resistência, de resignificar a função do jornal tanto em seu conteúdo quanto em sua forma. Para Luiz Cláudio da Costa, "o trabalho de Leila Danziger mostra que se apropriar de imagens e discursos é assimilar dispositivos de subjetivação, os quais desejam enfrentar sua prática artística. Colecionando jornais, ela neutraliza o esquecimento, apagando imagens, faz ver figuras."<sup>10</sup>



Danziger, assim, apaga parcialmente a informação midiática em um gesto crítico e político, fazendo emergir o resíduo e o hibridismo de gêneros.

Em um método extrativo, ou seja, por meio de uma prática que extrai, mutila e desenraiza as ideias provenientes do primeiro texto e, ao mesmo, tempo operando uma mudança – pois o “fragmento escolhido converte-se ele mesmo em um texto” –, ao inscrever o verso “Para ninguém e nada estar”, de Celan, junto às notícias apagadas, Danziger faz coexistir o texto midiático e o texto literário em um mesmo plano.

A raspagem do texto jornalístico e o deslocamento do texto literário de seu contexto, realizados por Danziger, promovem uma suspensão de hierarquia, colocando em xeque os gêneros. Nesse sentido, Danziger efetua a produção de uma obra artística que pode ser vista como um corpo híbrido e multifacetado, marcado pelo diálogo entre as artes visuais e a literatura.

Em *Diários públicos*, a impressão do carimbo sobre a superfície do papel possibilita ainda um ponto de reflexão sobre as relações entre corpo, escrita e leitura na contemporaneidade. Para além de outros significados, o termo “impressão” define-se, conforme o dicionário *Houaiss*, como a “ação de reproduzir sobre um suporte de papel caracteres ou imagens”.<sup>11</sup> Essa conceituação aproxima-se da técnica usada por Danziger de carimbar, isto é, gravar no papel a palavra poética. Impressão aponta ainda para uma marca individualizada, a impressão digital única de cada indivíduo, que pode ser vista como definidora do sujeito, portanto, pertinente a um processo de subjetivação. Já o carimbo de um poema alheio como marca reproduzível deslocaria essa noção de impressão única, adquirindo, ele mesmo, um caráter de objeto artístico.

Márcio Seligmann-Silva<sup>12</sup> nomeia as séries de Danziger como uma poética da materialidade, o que pode ser visto no trato da artista com o papel-jornal, que mantém a integridade da página ao mesmo tempo em que nela inscreve a rasura, desdobrando um novo corpo. Entretanto, Danziger não apenas inscreve um novo corpo, mas também efetua uma leitura efetivamente corporal, visto que a artista folheia, seleciona, extrai, imprime.<sup>13</sup>

*Diários públicos* parece conferir “visibilidade ao que é invisível” ao trazer as imagens citadas e, de certa forma, se aproxima da emancipação do espectador proposta por Jacques Rancière, para quem o poder do espectador consiste em “traduzir à sua maneira o que vê e percebe”. Se por um lado, as imagens preservadas no papel apagado em “Para-ninguém-e-nada-estar” criam uma





ressignificação das notícias gerando, conforme a acepção de Rancière, um efeito político, visto que o espectador se sente, de certa forma, “culpado por olhar para a imagem que deve provocar o sentimento de sua culpabilidade”.<sup>14</sup>, por outro, Danziger realizaria uma resistência ao senso comum da matéria jornalística.

Já em “Para Irineu Funes”, por exemplo, a artista carimba frases do conto “Funes, o memorioso”, de Jorge Luis Borges, na seção de publicidade dos jornais semiapagados. A inscrição dessas frases tensionaria as noções de esquecimento e informação, pois, segundo Danziger, “esquecer é uma medida higiênica e saudável diante da massa informativa e tantas vezes inútil dos meios de comunicação”.<sup>15</sup> Assim, em mundo midiático, o esquecimento, talvez seja uma forma de leveza para a captação dessas imagens da realidade contemporânea.

Essa complexa tarefa empreendida por Danziger pode ser relacionada, ainda, com a noção de leveza, proposta por Italo Calvino em *Seis propostas para o próximo milênio*.<sup>16</sup> Calvino afirma que:

cada vez que o reino humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo que, à maneira de Perseu, eu devia voar para outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou o irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob uma outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle.<sup>17</sup>

A leveza seria, desse modo, a interface apropriada para se captar as imagens da realidade contemporânea. Não se trataria de recusar essa realidade, ou de simplifica-la, mas de experimentar “o mundo sob uma outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle”. Nesse sentido, as séries que compõem *Diários públicos* constroem, a partir do esvaziamento do conteúdo da folha de jornal, outras significações, fora do senso comum, configurando-se como uma intervenção artística marcada por certa leveza.

À maneira de Calvino, Danziger, manipulando o jornal e a literatura, ora como suporte, quando deles extrai as palavras, ora como objetos artísticos, constrói um trabalho marcado por uma leveza no trato com a linguagem, ao mesmo tempo em que faz ressignificar as tragédias, as catástrofes e as imagens de violência que expõe ou oblitera.



-----

\* **Késia Oliveira** é graduada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, pesquisadora do Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG.

---

## Notas

<sup>1</sup> BORGES, Jorge Luis. O fazedor. Trad. Josely Vianna Baptista. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Jorge Luis Borges*, v. 2. São Paulo: Globo, 2000.

<sup>2</sup> COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

<sup>3</sup> DANZIGER, Leila. Works. Disponível em: <<http://www.leiladanziger.com/works.html>>. Acesso em: 07 jun. 2014.

<sup>4</sup> CELAN, Paul. Stehe. Trad. Raquel Abi-Sâmara. In: GADAMER, Hans-Georg. *Quem sou eu, quem és tu?* Trad. Raquel Abi-Sâmara. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: <<http://antoniocicero.blogspot.com.br/2010/05/paul-celan-stehen-trad-raquel-abi.html>>. Acesso em: 7 jun. 2014.

<sup>5</sup> RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. Trad. José Miranda Justo. Lisboa: Orfeu Negro, 2010. p. 141.

<sup>6</sup> Este verso é usado também em uma tradução feita por Leila Danziger que diz “para-ninguém-e-nada-estar”, título de outra série.

<sup>7</sup> DANZIGER, Leila. Apresentação. In: DANZIGER, Leila (Org.). *Diários públicos: sobre memória e mídia*. Rio de Janeiro: Contracapa/FAPERJ, 2013. p. 22.

<sup>8</sup> COMPAGNON, 2007, p. 14.

<sup>9</sup> DANZIGER, Leila. Mercúrio e jornais. Disponível em: <<http://www.ciencialit.lettras.ufrj.br/entrelugares/leiladanziger.htm>>. Acesso em: 7 jun. 2014.

<sup>10</sup> COSTA, Luiz Cláudio da. A poética da memória e o efeito-arquivo no trabalho de Leila Danziger. Disponível em: <[http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae22\\_Luiz\\_Claudio.pdf](http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae22_Luiz_Claudio.pdf)>. Acesso em: 7 jun. 2014.

<sup>11</sup> IMPRESSÃO. In: HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

<sup>12</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. A arte de dar forma ao real: a poética da memória de Leila Danziger. Disponível em: <<http://www.leiladanziger.com/text/03marcio.pdf>>. Acesso em: 7 jun. 2014.

<sup>13</sup> COMPAGNON, 2007, p. 27

<sup>14</sup> RANCIÈRE, 2010, p. 128.

<sup>15</sup> DANZIGER, Leila. Para-ninguém-e-nada-estar. Disponível em: <<http://leiladanziger.com/text/30ninguem.pdf>>. Acesso em: 7 jun. 2014.



<sup>16</sup> CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>17</sup> CALVINO, 1990, p. 19.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

BORGES, Jorge Luis. O fazedor. Trad. Josely Vianna Baptista. In: BORGES, Jorge Luis. *Obras completas de Jorge Luis Borges*, v. 2. São Paulo: Globo, 2000. (*O fazedor*). p. 177-178.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

COSTA, Luiz Cláudio da. A poética da memória e o efeito-arquivo no trabalho de Leila Danziger. Disponível em: <[http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae22\\_Luiz\\_Claudio.pdf](http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae22_Luiz_Claudio.pdf)>. Acesso em: 7 jun. 2014.

COSTA, Luiz Cláudio da. Diários públicos – o teatro da leitura. In: DANZIGER, Leila (Org.). *Diários públicos: sobre memória e mídia*. Rio de Janeiro: Contracapa/FAPERJ, 2013. p. 82-96.

DANZIGER, Leila (Org.). *Diários públicos: sobre memória e mídia*. Rio de Janeiro: Contracapa/FAPERJ, 2013.

DANZIGER, Leila. Works. Disponível em: <<http://www.leiladanziger.com/works.html>>. Acesso em: 07 jun. 2014.

DANZIGER, Leila. Diários públicos: jornais e esquecimento. *Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual, UFG*, v. 5, n. 2, 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/index.php/VISUAL/article/view/18058/10762>>. Acesso em: 07 jun. 2014.

DANZIGER, Leila. Mercúrio e jornais. Disponível em: <<http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/entrelugares/leiladanziger.htm>>. Acesso em: 7 jun. 2014.

LINS, Vera. Entre o excesso e a exceção: a profanação do jornal. *Outra travessia: Revista de Pós-Graduação em Literatura*, n. 5, 2005. Disponível em:





---

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12589>>. Acesso em: 7 jun. 2014.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A arte de dar forma ao real: a poética da memória de Leila Danziger. Disponível em: <<http://www.leiladanziger.com/text/03marcio.pdf>> Acesso em: 7 jun. 2014.